

Com:
Brasil

Repetindo a "década perdida"?

JORNAL DA TARDE

05 MAR 1993

Os dados sobre o desempenho da economia brasileira em 1992 mostram uma dura realidade: o País voltou a caminhar para trás. O Produto Interno Bruto (PIB) encolheu 0,93% no ano passado, anulando o crescimento que se registrara em 1991, de 0,98%.

Comparado com as brutais quedas da produção observadas em alguns anos da década passada (-4,3% em 1981, -2,9% em 1983 e -4,6% em 1990), o resultado de 1992 até que não foi tão ruim. No entanto, o exame dos resultados acumulados nos últimos 12 anos revela um país estagnado. Entre 1980 e 1992, período em que a população brasileira passou de 119 milhões para 146,2 milhões de habitantes, com crescimento, portanto, de 22,8%, a produção cresceu apenas 16%. Isso quer dizer que, dividido o produto igualmente por todos os brasileiros, a cada um cabe hoje uma fatia menor do que aquela que lhe cabia há 12 anos. Ou seja, a renda **per capita**, importante indicador das condições de vida da população, diminuiu.

O setor da economia que expressa com maior clareza a estagnação da economia brasileira é o industrial. A produção da indústria brasileira no ano passado foi menor do que a de 1980. O reflexo disso está na verdadeira tragédia social que se montou nas regiões mais desenvolvidas do País, especialmente na Grande São Paulo, principal pólo industrial brasileiro, onde o desemprego já atingiu diretamente nada menos do que 1,2 milhão de trabalhadores.

É comum dizer-se que, por causa da profunda recessão observada no período 1981-83, os anos 80 constituíram, para o Brasil, uma "década perdida". Mesmo que a produção tenha crescido nesse período, o crescimento médio foi muito inferior à média

histórica do País e mais baixo até do que o crescimento da população. O Brasil tinha crescido à média anual de cerca de 6% ao longo de um século. Com isso, o PIB dobrava a cada 12 ou 15 anos. Nos últimos 12 anos, como vimos, cresceu apenas um sexto do que crescia antes.

A esperança era de que os anos 90 representassem a virada, com o restabelecimento do ritmo de crescimento perdido na década anterior. Mas, em 1990, o violento choque do Plano Collor 1, que tornou temporariamente indisponíveis 80% dos ativos financeiros existentes, acabou por aprofundar um processo recessivo que se iniciara no final de 1989. Além disso, sem conseguir eliminar as causas estruturais da inflação com seu choque, o governo Collor viu-se obrigado a praticar severas políticas monetária e fiscal, para evitar o crescimento ainda maior da inflação enquanto preparava um profundo ajuste fiscal. Isso prolongou a recessão. O caso PC e seus desdobramentos impediram a colocação em prática desse ajuste fiscal, mas a superação da crise política, com o afastamento de Fernando Collor da Presidência, trouxe um alento à atividade econômica. Tanto que, se não se registrasse um razoável crescimento do PIB no último trimestre de 1992 (de 2,7%), o resultado do ano passado teria sido ainda pior.

O otimismo com que os agentes econômicos receberam o presidente Itamar Franco, no entanto, converteu-se em pouco tempo em apreensão, por causa das atitudes do chefe do governo, que já o levaram a nomear três ministros da Fazenda em apenas cinco meses. É provável, por isso, que o bom resultado do final de 1992 seja consumido pelo mau desempenho de 1993, o que nos leva a temer que os anos 90 repitam, pelo menos no seu início, a "década perdida".